

Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32 - Año 2026
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Artículo

Exclusão e fracasso da representação: *A hora da estrela* no diálogo latino-americano

Exclusión y fracaso de la representación: *A hora da estrela* en el diálogo latinoamericano

Exclusion and failure of representation: *A hora da estrela* in the Latin American dialogue

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Patrícia Lopes da Silva¹

Universidade Estadual de Montes Claros, Brasil

patricia.lopes@unimontes.br

Resumo: Este artigo propõe uma releitura de *A hora da estrela*, publicado em 1977, de Clarice Lispector, a partir de sua inserção crítica no debate sobre ausências e correspondências da literatura brasileira na América Latina. Distanciando-se das leituras que privilegiam exclusivamente a pobreza, o silêncio ou a subalternidade da protagonista, o estudo desloca o foco para os dispositivos narrativos que estruturam o romance, compreendendo a exclusão como tema social e também como forma literária que administra o fracasso da representação. Analisa-se, nesse sentido, a instância narrativa como espaço de mediação e desconforto ético, a construção de uma temporalidade estagnada que recusa a narrativa de progresso e a centralidade da linguagem pronta e midiática na constituição mínima da subjetividade de Macabéa. O artigo dialoga com contribuições de Ángel Rama, Roberto Schwarz, Beatriz Sarlo e Walter Benjamin, articulando o romance às reflexões latino-americanas sobre modernidade periférica e decolonialidade. Sustenta-se que, ao incorporar formalmente a interrupção, a repetição e a assimetria entre narrador e personagem, a autora realiza uma crítica interna às formas consagradas de narrar a exclusão, revelando os limites éticos e estéticos da literatura diante de vidas marcadas pela precariedade e pelo apagamento simbólico.

Palavras-chave: *A hora da estrela*; Clarice Lispector; literatura brasileira do século XX; decolonialidade e modernidade periférica; revisão crítica.

1. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia, com pós-doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente atua como docente do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Código ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5421-7238>.

¿Cómo citar?

Lopes, P. "Exclusão e fracasso da representação: *A hora da estrela* no diálogo latino-americano". *Contexto*, vol. 30, n.º 32, 2026, pp. 152-163.



UNIVERSIDAD
DE LOS ANDES
DR. PEDRO RINCÓN GUTIÉRREZ
TACHIRA VENEZUELA

Resumen: Este artículo propone una relectura de *A hora da estrela*, publicado en 1977, de Clarice Lispector, a partir de su inserción crítica en el debate sobre ausencias y correspondencias de la literatura brasileña en América Latina. Distanciándose de las interpretaciones que privilegian exclusivamente la pobreza, el silencio o la condición subalterna de la protagonista, el estudio desplaza el foco hacia los dispositivos narrativos que estructuran la novela, comprendiendo la exclusión no solo como un tema social, sino también como una forma literaria que administra el fracaso de la representación. En este sentido, se analiza la instancia narrativa como espacio de mediación y malestar ético, la construcción de una temporalidad estancada que rechaza la narrativa del progreso y la centralidad del lenguaje prefabricado y mediático en la constitución mínima de la subjetividad de Macabéa. El artículo dialoga con aportes Ángel Rama, Roberto Schwarz, Beatriz Sarlo y Walter Benjamin, articulando la novela con reflexiones latinoamericanas sobre modernidad periférica y decolonialidad. Se sostiene que, al incorporar formalmente la interrupción, la repetición y la asimetría entre narrador y personaje, *A hora da estrela* realiza una crítica interna a las formas consagradas de narrar la exclusión, revelando los límites éticos y estéticos de la literatura frente a vidas marcadas por la precariedad y el borramiento simbólico.

Palabras clave: *A hora da estrela*; Clarice Lispector; literatura brasileña del siglo XX; decolonialidad y modernidad periférica; revisión crítica.

Abstract: This article proposes a rereading of *A hora da estrela*, published in 1977, by Clarice Lispector, based on its critical insertion into the debate regarding the absences and correspondences of Brazilian literature in Latin America. Distancing itself from readings that exclusively privilege the protagonist's poverty, silence, or subalternity, this study shifts the focus to the narrative devices that structure the novel, understanding exclusion as both a social theme and a literary form that manages the failure of representation. In this sense, the narrative instance is analyzed as a space of mediation and ethical discomfort, alongside the construction of a stagnant temporality that refuses the narrative of progress, and the centrality of ready-made and media language in the minimal constitution of Macabéa's subjectivity. The article engages with contributions from Ángel Rama, Roberto Schwarz, Beatriz Sarlo and Walter Benjamin articulating the novel with Latin American reflections on peripheral modernity and decoloniality. It is argued that, by formally incorporating interruption, repetition, and the asymmetry between narrator and character, the author performs an internal critique of the canonical forms of narrating exclusion, revealing the ethical and aesthetic limits of literature in the face of lives marked by precarity and symbolic erasure.

Keywords: *A hora da estrela*; Clarice Lispector; Brazilian literature of the 20th century; decoloniality and peripheral modernity; critical review.

Considerações iniciais

Publicado em 1977, *A hora da estrela*, último romance de Clarice Lispector, insere-se de modo produtivo no debate proposto pelo dossiê “Ausências e correspondências da literatura brasileira na América Latina – escritores do século XX”, não por reiterar modelos consagrados da tradição latino-americana, mas por tensioná-los a partir de uma estratégia narrativa que privilegia a ausência, a interrupção e o deslocamento. O romance dialoga com experiências de exclusão social e simbólica sem recorrer à forma clássica da denúncia ou do engajamento direto, o que o coloca em posição singular no conjunto das narrativas do período.

Grande parte da crítica consolidou leituras de *A hora da estrela* centradas na pobreza, no silêncio e na subalternidade de Macabéa, interpretando a personagem sobretudo como emblema da marginalização social. Embora tais abordagens sejam fundamentais para a compreensão do romance, sua recorrência acabou por cristalizar o texto em torno de um conjunto relativamente estável de categorias interpretativas, frequentemente aplicadas de modo reiterativo. Esse movimento tende a obscurecer outros aspectos da obra, especialmente aqueles ligados à sua construção formal e às estratégias narrativas que produzem mais do que representam a experiência da exclusão.

Partindo desse impasse crítico, a presente proposta desloca o foco da análise da personagem Macabéa e do narrador Rodrigo S.M para os dispositivos narrativos que estruturam o romance. A atenção recai sobre elementos como a mediação autoral, a organização temporal, o uso da linguagem pronta e a recusa do melodrama, entendidos como procedimentos que condicionam a experiência de leitura. Ao privilegiar esses aspectos, busca-se evidenciar como a exclusão se inscreve no texto simultaneamente como tema e como forma literária.

A consolidação de Clarice Lispector como autora canônica no sistema literário brasileiro resulta de um processo de longa duração, marcado pela incorporação progressiva de sua obra aos circuitos de legitimação crítica, acadêmica e editorial. Desde a recepção inicial de *Perto do coração selvagem*, sua escrita passou a ocupar um lugar singular, associado à experimentação formal, à introspecção radical e à ruptura com modelos narrativos dominantes. Esse reconhecimento garantiu ampla circulação de seus textos e produziu um acúmulo de prestígio que a situou em posição central no campo literário, permitindo-lhe transitar com relativa autonomia entre gêneros, temas e estratégias narrativas.

Essa centralidade, contudo, não implica estabilidade estética nem adesão a expectativas consolidadas. Ao contrário, a posição legitimada da autora cria condições para deslocamentos temáticos e formais que dificilmente estariam

disponíveis a autores situados em posições periféricas do campo. A possibilidade de abordar uma personagem socialmente marginalizada como a personagem sem recorrer aos códigos tradicionais do realismo social ou da narrativa de denúncia decorre justamente dessa inserção privilegiada. Lispector não precisou responder a demandas de representação "fiel" da realidade social, o que lhe permitiu explorar a precariedade por meio de um viés oblíquo, fragmentado e autorreflexivo.

A hipótese que orienta esta leitura é a de que *A hora da estrela* encena a exclusão não prioritariamente como objeto de representação, mas como efeito de uma forma narrativa que administra o fracasso do próprio ato de narrar. O romance não oferece acesso pleno à experiência de Macabéa nem produz identificação catártica com sua trajetória; ao contrário, expõe continuamente os limites éticos e estéticos, transformando a ausência em princípio organizador do texto. Nesse sentido, a narrativa estabelece correspondências críticas com debates latino-americanos sobre marginalidade, modernidade, ao mesmo tempo que recusa soluções interpretativas estabilizadas.

A instância narrativa como mediação e desconforto ético

Em *A hora da estrela*, a autoconsciência do narrador se manifesta por meio de comentários metanarrativos que revelam hesitação, instabilidade e uma tensão constante diante do ato de narrar. Rodrigo S. M. não naturaliza sua posição de enunciator; ao longo do romance, evidencia a fragilidade e a responsabilidade implicadas na escrita sobre uma vida marcada por extrema precariedade. Logo no início, afirma: "Tudo no mundo começou com um sim" (p. 21), mostrando que a narrativa nasce de uma decisão arbitrária, não de uma necessidade objetiva.

O narrador problematiza continuamente seu próprio gesto, reconhecendo o desequilíbrio entre sua condição e a da personagem: "Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar para mim na terra dos homens" (p. 29), escreve porque partilha da experiência de Macabéa, ocupando uma posição que lhe permite escrever justamente por estar desvinculado das urgências materiais que organizam a vida dela. Essa reflexão desloca o romance do registro de denúncia social direta para uma investigação sobre os limites da representação.

A escrita não é apresentada como missão, vocação ou instrumento de transformação direta do real, mas como efeito de uma posição específica de deslocamento social. Trata-se de uma condição situada fora dos circuitos ordinários da utilidade produtiva, que permite ao narrador ocupar um lugar à margem das exigências materiais imediata. Contudo, esse afastamento não implica exclusão do campo cultural; ao contrário, ele depende do acesso aos códigos da linguagem legitimada, que autorizam a transformar experiências alheias em forma literária.

Desse modo, a escrita aparece como produto de um privilégio ambíguo, nascendo de uma posição situada à margem da lógica do trabalho e da sobrevivência cotidiana, que detém os recursos necessários para narrar. Essa formulação rompe com a imagem tradicional do escritor como sujeito integrado ao corpo social ou investido de autoridade moral, expondo-o como figura situada em um entrelugar, simultaneamente distante do mundo produtivo e central na organização da cultura.

Em vários trechos, Rodrigo S. M. evidencia seu incômodo diante do material narrativo, sem transformá-lo em redenção moral: “esta história acontece em estado de emergência e calamidade pública” (p. 20), deixando claro que o relato não é neutro nem confortável, e sim, atravessado por urgência e inadequação. O foco não se limita à condição social da nordestina, recai sobre a impossibilidade de tornar essa experiência transparente ou redentora. A mediação narrativa atua como um espaço de tensão permanente entre personagem e leitor, reiterado por interrupções, comentários laterais e justificativas: “Desculpai-me, mas vou continuar” (p. 24).

A estratégia adotada pelo narrador aproxima-se da metaficção, conceito elaborado por Linda Hutcheon em *Narcissistic Narrative: The Metafiction Paradox*. Segundo Hutcheon, a metaficção é uma narrativa sobre a própria ficção, na qual o texto inclui comentários sobre sua identidade narrativa e linguística:

Metafiction, as it has now been named, is fiction about fiction — that is, fiction that includes within itself a commentary on its own narrative and/or linguistic identity. 'Narcissistic' — the figurative adjective chosen here to designate this textual self-awareness — is not intended as derogatory but rather as descriptive and suggestive, as the ironic allegorical readings of the Narcissus (Hutcheon, p. 01).²

No *corpus* em análise, essa autoconsciência narrativa não se restringe a um jogo formal funciona como dispositivo crítico que evidencia a tensão entre quem fala e quem é narrado. Ao tornar explícita a própria construção do texto, a narrativa evidencia o desequilíbrio da relação narrativa e impede que a experiência de Macabéa seja consumida como objeto simplificado. O efeito metaficcional intensifica a reflexão sobre o ato de narrar e sobre a responsabilidade do narrador diante de vidas marginalizadas, aproximando o romance de uma prática literária que problematiza forma, conteúdo e poder de enunciação.

2. “Metaficção, como já foi chamado, é uma ficção sobre ficção — isto é, ficção que inclui dentro de si um comentário sobre a sua própria narrativa e/ou identidade linguística. “Narcisista” — o adjetivo figurativo escolhido aqui para designar essa autoconsciência textual — não pretende ser pejorativo, mas como descritivo e sugestivo, como as leituras alegóricas irônicas do mito de Narciso” (minha tradução).

O leitor é convidado a participar da construção da história, refletindo sobre a relação entre palavra e realidade. Nesse sentido, a obra se aproxima de práticas latino-americanas experimentais do século XX, nas quais a consciência do narrador sobre o próprio texto é usada para subverter padrões tradicionais do romance e problematizar o poder de enunciação.

A metaficção também funciona como instrumento de ética narrativa, ao expor a relação desigual entre quem detém a palavra e quem é narrado, impedindo que o romance se reduza a uma simples exploração da miséria ou da pobreza. Rodrigo S. M. narra a vida de Macabéa evidenciando o risco de transformar a experiência da personagem em espetáculo ou em um objeto estético domesticado. Ao explicitar sua presença na narrativa, o narrador evidencia que contar uma história não é um gesto neutro nem automático, sugerindo que escrever sobre uma personagem como a nordestina implica assumir que toda narração é atravessada por escolhas, limites e desigualdades. Assim, A escrita se inscreve diretamente na realidade social como prática vinculada às condições que definem quem pode falar e quem permanece sem voz.

Além disso, a ética narrativa se manifesta na metodologia de exposição parcial e fragmentária adotada por Lispector. Ao utilizar interrupções, comentários metanarrativos e recortes de perspectiva, Rodrigo S. M. cria uma tensão constante entre visibilidade e invisibilidade, entre presença narrativa e ausência da personagem como sujeito pleno. Essa estratégia obriga o leitor a reconhecer a assimetria estrutural: enquanto o narrador possui domínio da palavra, a personagem é situada em um espaço social e simbólico que limita seu acesso à expressão. A literatura relata uma vida invisibilizada convocando o leitor a refletir sobre os mecanismos de representação e as implicações éticas do ato de narrar.

A abordagem de Lispector dialoga com uma tradição latino-americana em que a ficção se torna ferramenta crítica diante de contextos de desigualdade social. Em romances como *Pedro Páramo*, de Rulfo, ou *Los ríos profundos*, de Arguedas, os narradores também enfrentam a dificuldade de representar sujeitos marginalizados, expondo as tensões entre memória, linguagem e poder. Em *A hora da estrela*, a ética narrativa se manifesta de maneira ainda mais explícita, pois a autoconsciência do narrador transforma a própria forma literária em campo de reflexão sobre a responsabilidade da escrita, destacando que narrar vidas periféricas envolve um compromisso ético com a veracidade, a complexidade e a dignidade dos personagens.

A ficção ética em Lispector transcende o plano da moralidade individual e se torna um instrumento crítico sobre a literatura e a sociedade. Ao mostrar que a palavra tem poder e limite simultaneamente, a narrativa evidencia que representar vidas invisibilizadas exige consciência do contexto social que produz tais vidas e das

consequências de sua visibilização literária. Desse modo, a metaficção atua como dispositivo ético, lembrando o leitor e o narrador de que toda narrativa carrega implicações sobre quem é ouvido, quem permanece à margem e como a literatura pode, de fato, dar visibilidade sem dominação simbólica.

Temporalidade estagnada e recusa da narrativa de progresso

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector constrói uma experiência temporal que rompe com a linearidade progressiva característica tanto do romance burguês quanto dos discursos de modernização que atravessaram a América Latina no século XX. A vida de Macabéa organiza-se à margem da lógica do acúmulo de capital, de saber ou de experiência, estruturando-se como uma duração estagnada, marcada pela repetição e pela ausência de horizonte. O narrador observa que “ela não tinha passado nem futuro”, inscrevendo a personagem em um tempo que escapa às narrativas do desenvolvimento e da ascensão social.

Essa temporalidade pode ser compreendida à luz das reflexões de Ángel Rama sobre a modernização desigual na América Latina e a constituição da chamada *cidade letrada*, que organiza de forma hierárquica o acesso ao saber, à escrita e à historicidade. Para Rama, a modernidade latino-americana não se distribui de modo homogêneo, contudo produz zonas de inclusão formal e exclusão efetiva, nas quais amplos segmentos sociais permanecem apartados das promessas de mobilidade e participação plena no projeto moderno. Macabéa vive precisamente nesse tempo fraturado, habita o espaço urbano, integra-se de maneira precária ao mercado de trabalho e consome fragmentos da cultura de massa, permanecendo excluída dos circuitos simbólicos e materiais que sustentam o imaginário do progresso.

A improdutividade do tempo vivido pela personagem manifesta-se na ausência de aprendizado cumulativo ou transformação subjetiva. Diferentemente do romance de formação, nada em sua trajetória se converte em experiência no sentido forte do termo, uma vez que “ela vivia em estado de espera”, tratando-se de uma espera sem finalidade, que não aponta para um futuro realizável. O tempo não conduz à mudança; apenas se repete, esvaziado de promessa.

Essa configuração dialoga com a crítica de Walter Benjamin, à ideia de progresso entendido como continuidade necessária e benéfica. Ao questionar a história concebida como uma marcha linear rumo à redenção, o autor rompe com a noção de evolução inevitável e chama atenção para as fraturas que sustentam a modernidade. Como afirma Benjamin, “não há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura” (p. 225),

evidenciando que aquilo que se apresenta como avanço histórico carrega, simultaneamente, marcas de exclusão, violência e silenciamento.

Nessa perspectiva, o tempo histórico não se organiza como progresso contínuo, mas como um acúmulo de ruínas, no qual o presente é atravessado por interrupções e restos de experiências não redimidas. Benjamin recusa a ideia de um tempo histórico orientado por uma lógica de avanço contínuo e redentor, propondo, em seu lugar, uma história marcada pelo acúmulo de restos, fracassos e vidas não realizadas. É nesse horizonte que Macabéa se inscreve, uma vez que sua existência não participa do progresso celebrado pelos discursos da modernidade, constitui aquilo que esse progresso deixa para trás. A personagem habita os escombros de uma promessa histórica que nunca se cumpriu para sujeitos como ela, sendo atravessada por signos do mundo moderno como o rádio, a cidade, o trabalho urbano, que não se convertem em experiência de emancipação. Assim como o anjo da história benjaminiano, que vê o passado como um amontoado de ruínas enquanto é impelido para o futuro, Macabéa encarna uma vida empurrada pela narrativa do progresso sem jamais dele se beneficiar, tornando-se testemunho silencioso das violências simbólicas e materiais que sustentam a ideia mesma de modernidade. A vida de Macabéa pode ser lida como inscrição radical nesse tempo interrompido, pois ela não avança, não se emancipa, não se integra, sua existência evidencia aquilo que o progresso sistematicamente deixa para trás.

A noção de modernidade periférica ajuda a compreender esse quadro. Em contextos latino-americanos, a modernidade convive com formas arcaicas de exclusão, reinscrevendo-as em novos arranjos urbanos e econômicos. Macabéa é produto dessa modernidade desigual, pois trabalha em um escritório, vive na metrópole e consome produtos industrializados, permanecendo fora dos circuitos de reconhecimento, desejo e cidadania. O tempo que organiza sua vida não é o da promessa, mas o da repetição improdutivo. Mesmo a morte da personagem, longe de funcionar como fechamento teleológico, surge como evento abrupto, sem síntese ou compensação, “a vida dela era de menos”, condensando a ideia de uma existência que não se converte em história no sentido consagrado.

Beatriz Sarlo, ao analisar a chamada modernidade periférica, evidencia que a incorporação dos signos da vida moderna — como tecnologias, mídia e consumo — não resulta, necessariamente, em inclusão social ou autonomia cultural. Em *Cenas da vida pós-moderna*, a autora demonstra que os sujeitos periféricos participam de uma modernidade parcial, marcada mais pela circulação de imagens e discursos do que por transformações efetivas das condições de existência. Nesse contexto, Sarlo critica a postura de intelectuais que se imaginaram na vanguarda da sociedade, acreditando-se porta-vozes dos que “não tinham voz” e representantes legítimos dos oprimidos pela pobreza e pela ignorância. Ao supor conhecer os verdadeiros

interesses de operários, camponeses e marginais — vistos como submersos em um “mundo cego”, esses agentes atribuíram a si mesmos a missão de comunicar, e até impor, ideias às maiorias, legitimando tal ação pela crença de que seu saber lhes conferia autoridade moral e política para falar em nome dos outros.

Essa reflexão pode ser aprofundada quando articulada à figura de Rodrigo S. M., o qual, encarna de modo problemático, a posição do intelectual que se percebe investido da tarefa de falar pelo outro, assumindo-se como aquele que detém a palavra, a consciência e o domínio da linguagem diante da precariedade existencial de Macabéa. Ao construir a narrativa, Rodrigo S. M. oscila entre o desejo de dar visibilidade à protagonista e a consciência de que sua fala é sempre uma mediação atravessada por diferenças de classe, saber e poder.

Macabéa, nesse sentido, exemplifica esse tipo de inserção desigual na modernidade periférica, uma vez que se reconhece nos discursos do rádio, nas promessas vagas do consumo e na retórica do sucesso individual, sem que tais elementos se convertam em possibilidade concreta de mobilidade ou reconhecimento. Assim como os sujeitos analisados por Sarlo, Macabéa participa de uma modernidade fragmentária, na qual a circulação de signos e discursos modernos não rompe o ciclo de exclusão, mas antes evidencia o abismo entre a promessa simbólica e a experiência material da vida social.

Desse modo, o romance encena o fracasso da narrativa de progresso como forma de vida e como forma literária, inscrevendo-se criticamente no debate continental sobre desenvolvimento e decolonialidade. No entanto, essa recusa do tempo progressivo não se manifesta na estagnação material e existencial da personagem, e sim, na maneira como sua experiência é atravessada por discursos que prometem modernidade sem efetivá-la. A temporalidade do progresso, esvaziada de realização concreta, reaparece deslocada no plano da linguagem, por meio da circulação incessante de falas que simulam participação no mundo moderno, sem garantir reconhecimento ou autonomia.

Roberto Schwarz permite deslocar essa discussão para o plano da forma literária, ao mostrar como, em sociedades periféricas, as formas culturais modernas frequentemente entram em tensão com a realidade social que as sustenta. A inadequação entre modelos narrativos herdados e a experiência histórica local produz, segundo Schwarz, um efeito crítico involuntário, revelando contradições estruturais do processo de modernização. Em *A hora da estrela*, essa fratura se manifesta na recusa de uma narrativa orientada pelo progresso ou pela superação, pois a forma do romance incorpora a estagnação, a repetição e o esvaziamento como modos de tornar perceptível uma modernidade que não se realiza plenamente para todos. A temporalidade de Macabéa não representa uma condição social, mas se converte em princípio organizador da própria escrita.

A relação de Macabéa com a linguagem é igualmente mediada por vozes externas, uma vez que “ela gostava de ouvir o rádio porque falava muito”, indicando que a fala contínua dos meios de comunicação ocupa o espaço onde poderia emergir uma voz própria. O pensamento da personagem organiza-se como eco de slogans, anúncios e frases feitas, a Rádio Relógio “dizia sempre a hora certa”, informava “que um homem escreveu um livro chamado *Alice no País das Maravilhas*” e comentava “essa coisa de cultura, compondo um repertório fragmentado de saberes que não se converte em elaboração crítica da experiência, atribuindo a precisão mecânica a um valor quase existencial, operando menos como instrumento de interpretação do mundo e mais como ruído contínuo que preenche o vazio sem convertê-lo em sentido, “ela achava que publicidade era uma forma de bondade”.

Ligar o rádio representa uma tentativa de companhia, um esforço para preencher a solidão de seu espaço restrito, uma forma de sentir-se 'incluída' na sociedade que a marginaliza. Embora conecte a personagem a um universo social mais amplo, o rádio simultaneamente a mantém isolada, restringindo sua interação àquilo que emite. Dentro do quarto, o rádio funciona como um “companheiro” cotidiano oferecendo vozes contínuas, notícias, histórias e músicas, criando um espaço transitório que possibilita a ilusão de pertencimento.

Esse recurso evidencia a tensão entre inclusão simbólica e exclusão material, funcionando como elemento narrativo que torna perceptível a experiência fragmentária da personagem. Para Jesús Martín-Barbero, os meios de comunicação atuam como instâncias de mediação entre sujeitos e mundo social, organizando modos de percepção e pertencimento. Em Macabéa, o rádio não promove integração real, estrutura uma relação mediada e precária com a modernidade, revelando a distância entre circulação discursiva e inclusão social.

O aparelho também incorpora a característica oral da narrativa, em que histórias e músicas estruturam uma voz autoral capaz de conduzir a imaginação do ouvinte. Esse aspecto aproxima-se do conceito de Gérard Genette sobre focalização e narratário, uma vez que o ponto de vista condiciona o modo como a experiência é percebida e organizada. Para Macabéa, o rádio funciona como ponte simbólica entre sua interioridade restrita e o mundo externo, convertendo a linguagem em um espaço de mediação e tensão entre pertencimento e afastamento.

Clarice Lispector articula linguagem cotidiana, meios de comunicação e mediação narrativa para evidenciar a precariedade da experiência da personagem. O rádio não oferece solução ou consolação; antes, expõe a estrutura social que produz a exclusão e demonstra como a ficção, em suas formas e recursos, torna visível o desnível que organiza a relação entre narrador, narrado e leitor. Ao deslocar o eixo da exclusão do silêncio para o excesso de discursos alheios, *A hora da estrela* propõe uma reflexão menos evidente, porém decisiva, sobre as formas contemporâneas de apagamento social.

A experiência de Macabéa revela que a marginalização pode operar tanto pela ausência de palavra, quanto pela superposição de discursos que não se transformam em expressão própria nem em reconhecimento social. A linguagem que a atravessa midiática, repetitiva, pré-fabricada, simula pertencimento, não produzindo subjetivação plena, configurando uma falsa inclusão que encobre a permanência da desigualdade. Ao representar essa condição, Clarice Lispector insere sua obra em diálogo crítico com as experiências periféricas latino-americanas, nas quais o acesso à cultura e à informação convive paradoxalmente com a exclusão material e política. O romance revela que, na modernidade desigual, falar não é o mesmo que poder dizer, e ouvir não equivale a participar.

Considerações finais

A leitura proposta neste artigo buscou deslocar interpretações cristalizadas da obra, centradas exclusivamente na pobreza, no silêncio ou na subalternidade, para examinar os dispositivos narrativos por meio dos quais Clarice Lispector encena a exclusão como problema formal, ético e histórico. Ao invés de tratar a marginalidade apenas como tema social, o romance a inscreve no próprio funcionamento da narrativa, fazendo da forma literária um espaço de reflexão sobre os limites da representação, da linguagem e do progresso na modernidade periférica.

A análise da posição da autora no campo literário brasileiro permitiu compreender como sua condição de autora legitimada lhe possibilita realizar um gesto crítico interno ao sistema, explorando zonas de tensão entre centralidade simbólica e representação da exclusão extrema. *A hora da estrela* não fala “de fora” da literatura, mas a partir de um lugar consagrado que se volta contra suas próprias garantias, interrogando a autoridade de narrar o outro e desestabilizando expectativas tradicionais de engajamento ou denúncia.

Nesse sentido, a figura do narrador Rodrigo S. M. emerge como operador central dessa problematização, longe de funcionar como mediador transparente, ele expõe a assimetria entre quem escreve e quem é escrito, tornando visível o desconforto ético implicado na tentativa de transformar uma vida marcada pela precariedade em objeto literário. A mediação não resolve o impasse da representação; ao contrário, o mantém em aberto, convertendo o fracasso da fala substitutiva em princípio estético do romance.

A recusa da narrativa de progresso, por sua vez, revelou-se fundamental para situar a obra no debate latino-americano sobre desenvolvimento, colonialidade e memória. A temporalidade estagnada de Macabéa, organizada pela repetição e pela

ausência de projeto, rompe com modelos teleológicos e evidencia o descompasso entre os discursos modernizadores e as experiências efetivas da exclusão. Clarice Lispector, por meio dessa forma temporal, inscreve o romance em uma tradição continental que problematiza a modernidade não como realização, mas como promessa reiteradamente frustrada.

Por fim, ao deslocar o foco do silêncio para a saturação de discursos alheios, o romance evidencia uma forma menos visível, porém igualmente violenta, de apagamento social: aquela que se produz pela ocupação da subjetividade por linguagens prontas, midiáticas e impessoais. A experiência de Macabéa demonstra que falar não equivale a poder dizer, assim como ouvir não implica participar. A falsa inclusão simbólica operada pela circulação de palavras e informações expõe a persistência de uma exclusão que se reinventa no interior da cultura de massa.

Referências

- Arguedas, José María. *Los ríos profundos*. Editorial Losada, 1966.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Tradução de Paulo Ghiraldelli Jr. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- Genette, Gérard. *Discurso da narrativa*. Vega, 1995.
- Hutcheon, Linda. *Narcissistic Narrative: The Metafictional Paradox*. Methuen, 1984.
- Lispector, Clarice. *A hora da estrela*. 1977. Rocco, 1998.
- Martín-Barbero, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- Rama, Ángel. *A cidade letrada*. Tradução de Emir Sader, Brasiliense, 1985.
- Rulfo, Juan. *Pedro Páramo*. Fondo de Cultura Económica, 1955.
- Sarlo, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- Schwarz, Roberto. *Sequências brasileiras*. Companhia das Letras, 2000.
- Silva, Patrícia Lopes da. *O corpo e suas "cruéis" exigências em A via crucis do corpo, de Clarice Lispector*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Universidade Estadual de Montes Claros, Programa de Pós-Graduação em Letras, Montes Claros, 2014.